

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

12 e 28 de Novembro de 2022

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO – A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

ATLANTIC CITY / 1980 *Atlantic City, U.S.A.*

Um filme de Louis Malle

Argumento: John Guare / *Imagem (35 mm):* Richard Ciupka / *Cenários:* Anne Pritchard / *Guarda-roupa:* François Barbeau / *Música:* Michel Legrand (apena nominalmente, pois Malle suprimiu a música por ele escrita); um trecho da “Norma” de Bellini, por Elizabeth Harwood e a Orquestra Filarmónica de Londres / *Montagem:* Suzanne Baron / *Som:* Jean-Claude Laureux / *Interpretação:* Burt Lancaster (*Lou Paschall*), Susan Sarandon (*Sally*), Kate Reid (*Grace*), Michel Piccoli (*Joseph*), Hollis McLaren (*Chrissie, a irmã de Sally*), Robert Joy (*Dave, o marido de Sally*), Al Waxman (*Alfie, o homem em cuja casa joga-se póquer*), Robert Goulet (*o cantor no hospital*), Moses Znaimer (*Félix, um assassino por contrato*), Angus MacInnes (*Angus, um assassino por contrato*), Wallace Shawn (*um empregado de mesa*) e outros.

Produção: Cine Neighbor (Montréal), Selta Films (Paris) / *Cópia:* da Gaumont (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), cor, versão original com legendas em francês e legendagem eletrónicas em português / *Duração:* 105 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Veneza, 2 de Setembro de 1980 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Estúdio 444), 5 de Novembro de 1981 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 3 de Abril de 1997, no âmbito do ciclo “A Escolha de Eva Diniz”.

Fiel ao seu hábito de dar guinadas no seu percurso, dois anos depois de **Pretty Baby** Louis Malle deu com **Atlantic City** um filme que em tudo difere desta sua primeira ficção americana. Passou de um filme de época a um filme situado no presente, por sinal o seu primeiro filme situado no presente desde **Feu Follet**, realizado quase vinte anos antes. A nível do esquema de produção, as diferenças não poderiam ser maiores. **Pretty Baby** foi produzido por uma *major*, a Paramount, **Atlantic City** foi produzido para tirar proveito de um nicho fiscal canadiano: o dinheiro investido na produção de um filme era abatido dos impostos e por este motivo o filme tinha de ficar pronto impreterivelmente até ao dia 31 de Dezembro de 1979. Malle aceitou realizar um filme nestas condições (nenhuma lei era infringida), mas recusou o romance que lhe propuseram adaptar. Quando lhe perguntaram o que sugeria então, ele respondeu apenas que conhecia um excelente argumentista, John Guare, sem mencionar nenhum tema. Juntos, visitaram Atlantic City e a violenta transformação que conhecia a cidade (a legalização do jogo desencadeara uma febre de construções e demolições, que estava no auge, atraindo muitas pessoas pouco recomendáveis, como o então jovem Donald Trump) decidiu-os a fazer um filme situado ali. Não por acaso, a primeira visão que temos de Atlantic City no filme é a de um grande edifício a ser implodido, o que dá à paisagem urbana quase o aspecto de uma praça de guerra. Quando tudo ficou decidido a nível da produção, restava apenas o curtíssimo prazo de quatro meses para percorrer todas as etapas do filme: escrita do argumento, rodagem e pós-produção (montagem, misturas de som, correção de cor, etc.). Malle pôde trabalhar com os seus próximos colaboradores Suzanne Baron para a montagem e Jacques Laureux para o som. Note-se que Michel Legrand, autor da música dos grandes musicais de Jacques Demy, foi convidado a escrever a música de **Atlantic City**, mas Malle acabou por chegar à conclusão que era melhor que não houvesse música alguma (à exceção de um pouco de música diegética, essencialmente *Casta Diva*), pois os inúmeros sons reais das ruas da cidade pareceram-lhe preferíveis a qualquer tipo de música. Michel Legrand está creditado no genérico por um misto de cortesia e de obrigações contratuais, posto que ele fez o seu trabalho e foi pago.

Em 1979, Atlantic City, que entrara em declínio no final dos anos 40, depois de um breve período de prosperidade, era composta essencialmente por uma marginal e um sem-número de bairros pobres e na passagem dos anos 70 para os 80, quando as utopias de esquerda foram substituídas pelo slogan reaganiano *greed is good*, tudo o que ficava próximo ao mar foi transformado numa pequena Las Vegas (*Atlantic City, you are back in the map* clama um imenso cartaz mostrado várias vezes). O número infinito de obras em andamento levou Malle a filmar o maior número possível de sequências em exteriores, alterando por vezes o que estava previsto para aproveitar um elemento insólito de construção ou demolição (é exemplo patente disso a cena do homicídio, filmado com destreza entre ascensores que sobem e descem). Isto permitiu-lhe, nas suas próprias palavras, misturar a sua dupla experiência de documentarista (captar o espaço, excluir o uso da música) e realizador de filmes de ficção (contar uma história, escolher e dirigir atores), antecipando o que faria em **My Dinner with André** e **Vanya on 42nd Street**, porém não no contexto quase experimental do primeiro ou francamente documental do segundo. **Atlantic City** é um puro filme de ficção, com diversos elementos de um *thriller* (venda de drogas, homicídios), que são ao mesmo tempo centrais e periféricos, a que se misturam um peculiar casal de velhos e uma jovem com sonhos profissionais. Esta hábil mistura suscita diversas passagens satíricas, com elementos francamente cômicos. Nesta cidade provisória, as pessoas vivem vidas igualmente provisórias, até mesmo o pequeno escroque reformado, sem dinheiro sequer para comprar cigarros, que tem o vislumbre de uma vida mais confortável. Para o par de protagonistas, Malle escolheu um dos grandes nomes da Hollywood do passado, Burt Lancaster (a sua escolha inicial tinha sido Robert Mitchum), que declarou que para um ator de sessenta e sete anos ter um papel daqueles era um milagre e uma nova atriz americana em destaque, Susan Sarandon, que já trabalhara com ele em **Pretty Baby** e tivera um dos papéis principais em **The Rocky Horror Picture Show**, que já se transformara um filme de culto com uma sessão semanal simultaneamente em dezenas de cidades americanas. Michel Piccoli é a *guest star* num breve papel e os demais personagens são encarnados por atores canadenses (tratando-se de uma produção canadense, a presença de canadenses era obrigatória) instalados nos Estados Unidos, pouco célebres, mas absolutamente excelentes nos seus personagens muito caracterizados (a velha refilona, o espertalhão que na verdade é burro, uma impagável sobrevivente do *flower power*, sicários). A força do filme vem do equilíbrio absolutamente perfeito entre as realidades da venda ilegal de drogas (homicídios, apartamentos devastados, um cartão de visitas atirado com desprezo a uma sanita e avidamente agarrado) e a leveza da relação do personagem de Burt Lancaster com a mulher jovem à volta da qual passa a gravitar, embora dependa financeiramente da velha. É esta leveza na desonestidade que permite ao espectador identificar-se aos personagens de Burt Lancaster e Susan Sarandon, que são longínquos herdeiros dos cínicos e elegantes escroques de **Trouble in Paradise**, de Lubitsch. É com eles dois que a história começa e chega ao fim. O plano inicial, ainda no pré-genérico, consiste numa inocente cena de *voyeurismo* entre eles. No desenlace, ela rouba maior parte do dinheiro que ele reunira vendendo a droga roubada pelo ex-marido dela e que ele próprio “herdara”. Ela se apossa do dinheiro às escondidas, mas com o assentimento dele, que finge que não vê, ao passo que ela parece não ter a certeza se ele se apercebeu ou não. Não há sentimentalismos, os caminhos se cruzaram brevemente, houve solidariedade, sexo, aventura e, como recompensa, um furto admissível. No epílogo, num autêntico e irónico desenlace feliz, o velho escroque e a ex-sósia de Betty Grable (que vemos pela primeira vez fora da sua cama), herdaram os últimos mil dólares vindos da cocaína roubada e passeiam de braço dado pelo *front de mer* de Atlantic City, como um casal (re)constituído. Cada um tinha as suas razões e cada qual teve o seu lucro.

Antonio Rodrigues